



VII Congresso Brasileiro de Geógrafos

A AGB e a Geografia brasileira no contexto das lutas sociais frente aos projetos hegemônicos.

10 a 16 de Agosto 2014
Vitória/ES

ANAIS DO VII CBG - ISBN: 978-85-98539-04-1



A IMPORTÂNCIA DA PRODUÇÃO DE MATERIAL DIDÁTICO NA PRÁTICA DOCENTE

Mauricio Caetano dos Santos

Geógrafo – DG/FFLCH/USP, Professor – Pref. do Município de São Paulo.

E-mail: Mauricioc.geo@gmail.com

INTRODUÇÃO

O presente Trabalho dá continuidade à pesquisa/prática sobre produção de materiais didáticos realizada desde 2011. No início nos centramos na produção de maquetes do relevo feitas com massa de modelar para utilização nas aulas de geografia no ensino fundamental II (AQUINO; SANTOS 2011). A produção desta nova técnica de confecção de maquetes ensejou a realização de duas oficinas de construção de maquetes, realizadas no XVII Encontro Nacional de Geógrafos (XVII ENG, 2012) e no II Semana de Educação UNIFESP-GUARULHOS 2013. Nas discussões realizadas entre os participantes das oficinas – professores já formados, estudantes de geografia e pedagogia – percebemos a importância do material didático e da produção deste pelo professor, infelizmente percebemos também que isto ainda é uma lacuna na formação dos professores.

Sendo professor de escola pública sabemos que professor do ensino básico tem pouco tempo para ser um professor/pesquisador, pois sua carga horária excessiva e os diversos problemas estruturais da educação inviabilizam os processos reflexivos e o aprofundamento teórico necessário à prática de pesquisa. Concordamos com Sandra Azzi, ao retratar o trabalho do professor:

[...] Ao se defrontar com os problemas da sala de aula, que são bastante complexos, lança mão dos conhecimentos que possui, de uma maneira original e, muitas vezes, criativa, elaborando sua própria intervenção na sala de aula. Mas esse processo de elaboração do professor ainda é empírico, faltando-lhe uma organização intencional do saber que constrói. A construção do conhecimento requer investigação e sistematização, desenvolvidas com base metódica. (AZZI, 2002, p. 44).



VII Congresso Brasileiro de Geógrafos

A AGB e a Geografia brasileira no contexto das lutas sociais frente aos projetos hegemônicos.

10 a 16 de Agosto 2014
Vitória/ES

ANAIS DO VII CBG - ISBN: 978-85-98539-04-1



O que Azzi comenta sobre a elaboração do professor também pode ser aplicado a produção de material didático, mesmo porque o professor é incentivado a não produzir recursos para a sua aula mas sim utilizar o que já existe, em especial o livro didático e não negamos a realidade vivida nas salas de aulas das escolas, principalmente mas não exclusivamente, públicas brasileiras, onde o livro didático reina absoluto. Silva sintetiza bem esta realidade:

[...]O livro didático tem assumido a primazia entre os recursos didáticos utilizados na grande maioria das salas de aula do Ensino Básico. Impulsionados por inúmeras situações adversas, grande parte dos professores brasileiros o transformaram no principal ou, até mesmo, o único instrumento a auxiliar o trabalho nas salas de aula.[...](SILVA, 2012, p. 806).

Não é nosso objetivo entrar na questão da qualidade do livro didático nem discorrer sobre a gigantesca máquina editorial brasileira, nosso foco está em discutir o uso de outros recursos didáticos e a produção destes pelo professor. É dentro deste contexto que este trabalho se insere.

OBJETIVOS

Enquanto desenvolvíamos a maquete acima citada e organizávamos as oficinas percebemos que o professor para desenvolver material didático deve ser também um pesquisador, daí surge o objetivo do presente trabalho: discutir a importância da produção de material didático como processo de pesquisa do professor de geografia. Para realizar tal discussão definimos alguns elementos e questões que balizaram este trabalho:

- Referenciais teóricos sobre produção de material didático.
- A possibilidade de ser professor/pesquisador na produção de material didático.
- A discussão sobre produção de material didático na formação do professor.

Não pretendemos, nem achamos possível, dar conta desta temática e nem nos aprofundar nos tópicos acima levantado neste trabalho, nosso intuito é começar a discussão e buscar um caminho para uma pesquisa mais aprofundada.



VII Congresso Brasileiro de Geógrafos

A AGB e a Geografia brasileira no contexto das lutas sociais frente aos projetos hegemônicos.

10 a 16 de Agosto 2014
Vitória/ES

ANAIS DO VII CBG - ISBN: 978-85-98539-04-1



METODOLOGIA

Ao longo de nossa pesquisa sobre produção de maquete, e as discussões que se seguiram nas oficinas, sentimos falta de uma fundamentação teórica que embasasse nossa prática, não significando, contudo que não tenhamos consultado autores que notadamente discutem a construção de maquete e seu uso em sala de aula, mas faltou uma discussão teórica sobre a produção de material didático em si, sobre o percurso de pesquisa que um professor realiza ao produzir material ou recursos didáticos bem como a formação do professor, seja inicial ou a continuada.

Tal fundamentação teórica está sendo realizada através de pesquisa sobre a bibliografia existente e a partir dela delineamos uma discussão sobre os itens destacados em nosso objetivo. Tal discussão foi alicerçada em nosso trabalho docente diário.

MATERIAL DIDÁTICO: REFERENCIAIS TEÓRICOS

A primeira questão que se coloca é a própria definição de material didático. Estamos acostumados a utilizar o conceito, mas pouco nos atemos a sua definição. Nas escolas em geral quando falamos de material didático pensamos no livro didático, este inseparável “ente” praticamente onipresente nas escolas brasileiras, sejam públicas ou privadas.

Contudo existem outros materiais e recursos que de maneira ainda tímida e infelizmente com pouco planejamento, estão presentes na sala de aula. Nas aulas de geografia temos os recursos cartográficos (mapas, atlas, globos, etc.), e recursos audiovisuais (em especial documentários e filmes), ultimamente, com o avanço da informática e do acesso a internet, temos softwares e aplicativos que aparecem como recursos didáticos interessantes.

Mas o que é material didático? Material didático e recurso didático podem ser considerados sinônimos? Para tentar responder essas questões fomos buscar na bibliografia existente, definições para estes conceitos.

De início percebemos que não existe muita distinção entre material didático e recurso didático nos documentos oficiais e artigos que tratam do tema. Freitas (2007,



VII Congresso Brasileiro de Geógrafos

A AGB e a Geografia brasileira no contexto das lutas sociais frente aos projetos hegemônicos.

10 a 16 de Agosto 2014
Vitória/ES

ANAIS DO VII CBG - ISBN: 978-85-98539-04-1



p.21) se referindo principalmente aos recursos tecnológicos dá uma definição mais abrangente: *Também conhecidos como “recursos” ou “tecnologias educacionais”, os materiais e equipamentos didáticos são todo e qualquer recurso utilizado em um procedimento de ensino, visando à estimulação do aluno e à sua aproximação do conteúdo.*

Os autores Pontuschka, Cacete e Paganelli (2009, p.216), ao tratar das representações e linguagens no ensino de geografia, englobam diversas linguagens e materiais como recursos didáticos: *“Sob a denominação de recursos didáticos incluem-se vários tipos de materiais e linguagens como livros didáticos, paradidáticos, mapas, gráficos, imagens de satélite, literatura, música, poema, fotografia, filme, videoclipe, jogos dramáticos[...].”*

Temos assim diversos materiais e linguagem que são circunscritos como recursos didáticos, entretanto não se elucida o que define tal material como didático. Infelizmente os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs), documentos oficiais que deveriam balizar a educação nacional também não trazem definições sobre o que é recurso didático ou material didático, tratando o tema com superficialidade (RAMOS, 2006).

Entretanto Rangel, traz uma definição mais clara do que é material didático:

Qualquer instrumento que utilizemos para fins de ensino/aprendizagem é um material didático. A caneta que o professor aponta para os alunos, para exemplificar o que seria um referente possível para a palavra caneta, funciona, nessa hora, como material didático. Assim como o globo terrestre, em que a professora de Geografia indica, circulando com o dedo, a localização exata da Nova Guiné. Ou a prancha em tamanho gigante que, pendurada na parede da sala, mostra de que órgãos o aparelho digestivo se compõe, o que, por sua vez, está explicado em detalhes no livro de Ciências. (RANGEL, 2005, pg. 25).

Embora a primeira vista pareça que para o autor tudo seria material didático, desde que utilizado para fins de aprendizagem, ele define os materiais por níveis de especialização assim “[...] A caneta não foi criada para servir de exemplo para a noção



VII Congresso Brasileiro de Geógrafos

A AGB e a Geografia brasileira no contexto das lutas sociais frente aos projetos hegemônicos.

10 a 16 de Agosto 2014
Vitória/ES

ANAIS DO VII CBG - ISBN: 978-85-98539-04-1



de referente, mas, em graus crescentes de especialização e intencionalidade didáticas, o globo, a prancha e o livro, sim.” (Ibidem, Pg.25)

Para ele os limites de utilização de um material didático está:

- No Grau de especialização deste material;
- Na formação intelectual e pedagógica de cada professor;
- No perfil sociocultural escolar dos alunos;
- Nas características da escola e de seu projeto pedagógico;
- Na situação de ensino e aprendizagem que utiliza este material.

Concordamos em parte com o autor, na medida em que na sala de aula o professor necessita de muita criatividade para criar um canal de comunicação com os alunos todo recurso a sua disposição pode e vai ser utilizado, mas o material didático a nosso ver necessita ser mais elaborado. Assim consideramos material didático não só o recurso disponível, mas também a proposta didática do professor, pois muitas vezes desvinculamos o recurso do uso. Ao trabalharmos a idéia de produção de material didático levamos em conta um processo de pesquisa onde o professor elabora ou organiza recursos didáticos de forma a atender um objetivo específico e ao mesmo tempo define os percursos a serem seguidos e aula, o que costumamos chamar de sequência didática ou plano de aula.

Nesse sentido consideramos o livro didático um material didático, pois engloba diversos recursos (textos, tabelas, gráficos imagens, indicações de peças teatrais, filmes musicas etc.) organizados dentro de um objetivo e com uma intencionalidade, independente de as julgarmos corretas ou não. Talvez seja por isso que ele se transformou num manual para o professor. Pois é muito mais fácil seguir a proposta de um livro didático do que usar um globo, que em si não tem uma proposta pedagógica.

Neste sentido só podemos considerar a maquete de massa de modelar (Ibidem, 2011) como material didático se consideramos o percurso de pesquisa realizado anteriormente, os recursos utilizados, e a proposta pedagógica (sequência didática). Todos estes elementos colocam o trabalho docente como pesquisador e produtor de material didático como essencial.



VII Congresso Brasileiro de Geógrafos

A AGB e a Geografia brasileira no contexto das lutas sociais frente aos projetos hegemônicos.

10 a 16 de Agosto 2014
Vitória/ES

ANAIS DO VII CBG - ISBN: 978-85-98539-04-1



O PROFESSOR/PESQUISADOR NA PRODUÇÃO DE MATERIAL DIDÁTICO

Antes de abordar a importância da pesquisa para produção de material didático, é oportuno nos aprofundar mais na questão Professor/pesquisador. De pronto a expressão nos remete a discussão a cerca do conhecimento científico e o conhecimento escolar, tal relação se dá devido à noção de que pesquisa é sinônimo de pesquisa acadêmica, pesquisa científica.

Mesmo não partilhando desta opinião, pois sabemos que o processo de pesquisar deve fazer parte do conhecimento escolar, tanto de professores quanto de alunos, julgamos importante discorrer um pouco sobre a questão.

Não é de hoje que se discute se o ensino escolar é ou não uma simplificação do ensino científico ou acadêmico, tal discussão assume contornos especiais na ciência geográfica quando lembramos que a geografia universitária se desenvolve sobretudo para formar professores de geografia para o ensino secundário já estabelecido nos Liceus. (LACOSTE, 1988).

O que nos interessa desta discussão é onde se localiza o ensino escolar, visto que não concordamos com ele ser apenas uma simplificação do conhecimento científico. Lestegás ao discutir sobre o alcance do modelo de transposição didática de Chevallard no ensino de geografia nos dá elementos importantes para posicionar o ensino escolar:

“Aceitar que a geografia escolar não é uma tradução simplificada ou reelaborada de uma geografia científica, senão uma criação particular e original da escola que responde às finalidades sociais que lhe são próprias, é uma das condições básicas que podem possibilitar uma didática renovada da geografia ao serviço da problematização do conhecimento e da construção de aprendizagens significativas, funcionais e, além disto, úteis por parte dos alunos” (LESTEGÁS, 2012, pg. 23)

Se o ensino escolar é uma criação particular e original da escola, este se dá principalmente pelo trabalho docente, não como um mero reproduzidor ou simplificador do conhecimento acadêmico, mas produtor de conhecimento escolar na sua essência mas também, por que não, científico e acadêmico – no sentido de se preocupar com uma pesquisa bibliográfica mais densa, fundamentação teórica e preocupações



VII Congresso Brasileiro de Geógrafos

A AGB e a Geografia brasileira no contexto das lutas sociais frente aos projetos hegemônicos.

10 a 16 de Agosto 2014
Vitória/ES

ANAIS DO VII CBG - ISBN: 978-85-98539-04-1



metodológicas, bem como divulgar sua pesquisa/praxis em revistas e encontros acadêmicos a fim de ampliar canais de comunicação entre os professores e os pesquisadores universitários.

“O professor deve, portanto, atuar no sentido de se apropriar de sua experiência, do conhecimento que tem para investir em sua emancipação e em seu desenvolvimento profissional, atuando efetivamente no desenvolvimento curricular e deixando de ser mero consumidor.” (CASTELLAR, 1999, p. 52)

A produção de material didático se apresenta como um instrumento importante nesta situação, pois parte de uma situação problema concreta do professor de dinamizar e facilitar o ensino e aprendizagem de conteúdos e conceitos em sala de aula, além de “emancipar” o professor, deixando de ser um “mero consumidor” para ser produtor de conhecimento.

É importante ressaltar que a produção de material didático em si não impossibilita uma aula extremamente conteudista, pois não é o material que diz como será organizado uma aula, mas sim o conhecimento teórico, didático e metodológico do professor bem como sua ideologia docente.

Outro aspecto importante na produção de material didático pelo professor, é a apropriação, e muitas vezes o aprendizado, de aspectos pedagógicos inerentes a sua profissão, visto que a pedagogia que temos contato no dia a dia escolar é uma extensa citação e leitura de clássicos da pedagogia, na maioria das vezes sem ligação com o contexto real da escola, assim ao produzir materiais didáticos o professor se vê obrigado a ir além do discurso pedagógico e pensar e educação, se aproximando ao fazer-pensar (KIMURA, 2010)

A produção de materiais didáticos pelos professores também pode ser uma política pública, num incentivo à pesquisa e preparo de materiais didáticos no período destinado a atividades extra classe – 1/3 da jornada do magistério público da escola básica definidos na Lei nº 11.738 de 16 de julho de 2008 -, desde que não seja similar as demais políticas públicas voltadas para a educação, que ao contrário de criar possibilidades engessam o trabalho do professor sendo mais uma obrigação burocrática, mais relatórios, mais respostas a dar às secretarias de educação.



VII Congresso Brasileiro de Geógrafos

A AGB e a Geografia brasileira no contexto das lutas sociais frente aos projetos hegemônicos.

10 a 16 de Agosto 2014
Vitória/ES

ANAIIS DO VII CBG - ISBN: 978-85-98539-04-1



MATERIAL DIDÁTICO E FORMAÇÃO DO PROFESSOR

A produção de material didático pelo professor, passa, como vários outros aspectos da atividade docente, por mudanças na formação do professor, tanto inicial quanto continuada (conhecida também como formação em serviço).

No estágio atual de nossa pesquisa não nos aprofundamos na relação produção de material didático e formação do professor, estamos inicialmente consultando documentos oficiais, em especial os PCNs, e nos atendo principalmente na formação continuada ou em serviço do professor.

Como já explicitamos na introdução deste trabalho o professor carece de tempo e condições para se debruçar em questões teóricas, metodológicas e reflexivas, mesmo com a nova composição de jornada (citada acima), mas também cabe ao professor qualificar seu tempo extra classe, bem como buscar sua autonomia pedagógica.

As Orientações Educacionais Complementares aos Parâmetros Curriculares Nacionais do Ensino Médio (PCN+Médio) trazem essa discussão ao colocar a escola como espaço de formação docente, sem negar a necessidade de cursos de capacitação fora da escola, eles colocam que:

“A participação do professor no projeto educativo da escola, assim como seu relacionamento extraclasse com alunos e com a comunidade, são exemplos de um trabalho formativo essencial[...]” bem como *“[...] A pesquisa pedagógica, que na formação inicial é vista, em geral, de forma predominantemente acadêmica e quase sempre dissociada da prática, pode na escola ser deflagrada e conduzida a partir de problemas reais de aprendizado [...]”* (SEMTEC, 2002, pg. 241,).

Consideramos que a produção de materiais didáticos por professores pode contribuir em sua formação continuada, sobretudo se tal produção não for individual, mas inseridas nos espaços de discussão e formação coletivos nas escolas.



VII Congresso Brasileiro de Geógrafos

A AGB e a Geografia brasileira no contexto das lutas sociais frente aos projetos hegemônicos.

10 a 16 de Agosto 2014
Vitória/ES

ANAIS DO VII CBG - ISBN: 978-85-98539-04-1



CONSIDERAÇÕES FINAIS

O uso de materiais didáticos diversificados, possibilita dinamizar a aula, além de estabelecer nova relação entre aluno e conteúdo a ser trabalhado, não significando contudo que seja a tabua de salvação para todos os problemas enfrentados no cotidiano escolar.

Sabemos, por experiência própria, que a produção de material didático pelo professor é viável e que podemos alcançar bom resultados na aprendizagem dos alunos, contudo há pouco, ou mesmo nenhum, incentivo a essa prática, seja nos programas oficiais, seja no âmbito escolar, pois cada vez mais somos reprodutores de programas e manuais.

O que não significa que o professor em seu cotidiano não produza materiais didáticos, mas como o faz geralmente de improviso, não se preocupando em registrar os passos metodológicos nem os resultados obtidos tais produções ficam invisíveis aos olhos da comunidade escolar.

Com este trabalho estabelecemos algumas bases para dar continuidade à nossa pesquisa, principalmente no que tange as fundamentações teóricas. Os próximos passos da pesquisa serão direcionados para a relação entre formação de professor e material didático.

BIBLIOGRAFIA

AQUINO, J. B.; SANTOS, M. C. Maquetes: conceitos e práticas na elaboração de produtos didáticos. **Espaço & Movimento – Revista de Geografia da Universidade Cruzeiro do Sul**, São Paulo, n. 7, p. 61-67, dez. 2011.

AZZI, S. Trabalho docente: autonomia didática e construção do saber pedagógico. In: PIMENTA, S. G. (Org.). **Saberes pedagógicos e atividade docente**. 3ª ed. São Paulo: Cortez, 2002. p.35-60.

BRASIL. Lei nº 11.738 de 16 de julho de 2008. Regulamenta a alínea “e” do inciso III do caput do art. 60 do Ato das Disposições Constitucionais Transitórias, para instituir o piso salarial profissional nacional para os profissionais do magistério público da educação básica. **Presidência da República - Casa Civil**, Brasília, DF, 16 jun. 2008. Disponível em: < https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2007-2010/2008/lei/11738.htm>. Acesso em 15 abr. 2014



VII Congresso Brasileiro de Geógrafos

A AGB e a Geografia brasileira no contexto das lutas sociais frente aos projetos hegemônicos.

10 a 16 de Agosto 2014
Vitória/ES

ANAI DO VII CBG - ISBN: 978-85-98539-04-1



CASTELLAR, S. M. V. A formação de professores e o ensino de geografia. **Terra Livre**, São Paulo, n. 14, p. 51-59, Jan-Jul. 1999.

KIMURA, S. **Geografia no ensino básico**: questões e propostas. 2ª ed. São Paulo: Contexto, 2010.

LACOSTE, Y. **Geografia**: isso serve, em primeiro lugar, para fazer a guerra. Campinas: Papyrus, 1988.

LESTEGÁS, F. R. A construção do conhecimento geográfico escolar: do modelo transpositivo à consideração disciplinar da geografia. In MUNHOZ, G. B.; CASTELLAR, S. M. V. **Conhecimentos escolares e caminhos metodológicos**. São Paulo: Xamã, 2012. p.13-27.

PONTUSCHKA, N.N.; CACETE, N. H.; PAGANELLI, T. I. **Para ensinar e aprender Geografia**. 3ª ed. São Paulo: Cortez, 2009.

RAMOS, F. C. **O livro e os recursos didáticos no ensino de Matemática**. 2006. 220 f. Dissertação (Mestrado Profissionalizante em Ensino de Física e Matemática) - Centro universitário Franciscano de Santa Maria, Santa Maria, 2006.

RANGEL, E. O. Avaliar para melhor usar – avaliação e seleção de materiais e livros didáticos. In: BRASIL. MEC. Salto para o Futuro. TV Escola: **Materiais didáticos: escolha e uso**. Boletim 14, agosto 2005. Disponível em: <<http://tvbrasil.org.br/fotos/salto/series/151007MateriaisDidaticos.pdf>>. Acesso em: 6 mai. 2014.

Secretaria de Educação Média e Tecnológica – SEMTEC. **PCN + Ensino Médio**: Orientações Educacionais complementares aos Parâmetros Curriculares Nacionais - Linguagens, códigos e suas tecnologias. Brasília : MEC, 2002.

SILVA, M. A. A fetichização do livro didático no Brasil, **Educação e Realidade**, Porto Alegre, v. 37, n. 3, p. 803-821, set/dez. 2012. Disponível em:

<<http://www.scielo.br/pdf/edreal/v37n3/06.pdf>>. Acesso em 10 mai. 2014.